

**Romance do Pavão**

**Misterioso**

João Melquíades Ferreira da Silva

1  
Eu vou contar uma história  
De um pavão misterioso  
Que levantou vôo na Grécia  
Com um rapaz corajoso  
Raptando uma condessa  
Filha de um conde orgulhoso.

2  
Residia na Turquia  
Um viúvo capitalista  
Pai de dois filhos solteiros  
O mais velho João Batista  
Então o filho mais novo  
Se chamava Evangelista.

3  
O velho turco era dono  
Duma fábrica de tecidos  
Com largas propriedades  
Dinheiro e bens possuídos  
Deu de herança a seus filhos  
Porque eram bem unidos.

4  
Depois que o velho morreu  
Fizeram combinação  
Porque o tal João Batista  
Concordou com o seu irmão  
E foram negociar  
Na mais perfeita união.

5  
Um dia João Batista  
Pensou pela vaidade  
E disse a Evangelista:  
- Meu mano eu tenho vontade  
de visitar o estrangeiro  
se não te deixar saudade.

6  
- Olha que nossa riqueza  
se acha muito aumentada  
e dessa nossa fortuna  
ainda não gozei nada  
portanto convém qu'eu passe  
um ano em terra afastada.

7  
Respondeu Evangelista:  
- Vai que eu ficarei  
regendo os negócios  
como sempre eu trabalhei  
garanto que nossos bens  
com cuidado zelarei.

8  
- Quero te fazer um pedido:  
procure no estrangeiro  
um objeto bonito  
só para rapaz solteiro;  
traz para mim de presente  
embora custe dinheiro.

9  
João Batista prometeu  
Com muito boa intenção  
De comprar um objeto  
De gosto de seu irmão  
Então tomou um pacote  
E seguiu para o Japão.

10  
João Batista no Japão  
Esteve seis meses somente  
Gozando daquele império  
Percorreu o Oriente  
Depois voltou para a Grécia  
Outro país diferente.

11  
João Batista entrou na Grécia  
Divertiu-se em passear  
Comprou passagem de bordo  
E quando ia embarcar  
Ouviu um grego dizer  
Acho bom se demorar.

12  
João Batista interrogou:  
- Amigo fale a verdade  
por qual motivo o senhor  
manda eu ficar na cidade?  
Disse o grego: - Vai haver  
Uma grande novidade.

13  
- Mora aqui nesta cidade  
um conde muito valente  
mais soberbo do que Nero  
pai de uma filha somente  
é a moça mais bonita  
que há no tempo presente

14  
- É a moça em que eu falo  
Filha do tal potentado  
O pai tem ela escondida  
Em um quarto de sobrado  
Chama-se Creuza e criou-se  
Sem nunca ter passeado.

15  
- De ano em ano essa moça  
bota a cabeça de fora  
para o povo adorá-la  
no espaço de uma hora  
para ser vista outra vez  
tem um ano de demora.

16  
O conde não consentiu  
Outro homem educá-la  
Só ele como pai dela  
Teve o poder de ensiná-la  
E será morto o criado  
Que dela ouvir a fala.

17  
Os estrangeiros têm vindo  
Tomarem conhecimento  
Amanhã quando ela aparece  
No grande ajuntamento  
É proibido pedir-se  
A mão dela em casamento.

18  
Então disse João Batista  
- Agora vou me demorar  
pra ver essa condessa  
estrela desse lugar  
quando eu chegar à Turquia  
tenho muito o que contar.

19  
Logo no segundo dia  
Creuza saiu na janela  
Os fotógrafos se vexaram  
Tirando o retrato dela  
Quando inteirou uma hora  
Desapareceu a donzela.

20  
João Batista viu depois  
Um retratista vendendo  
Alguns retratos de Creuza  
Vexou-se e foi dizendo:  
- Quanto quer pelo retrato  
porque comprá-lo pretendo.

21  
O fotógrafo respondeu:  
- Lhe custa um conto de réis  
João Batista ainda disse:  
- Eu compro até por dez  
se o dinheiro não der  
empenharei os anéis.

22  
João Batista voltou  
Da Grécia para a Turquia  
E quando chegou em Meca  
Cidade em que residia  
Seu mano Evangelista  
Banqueteou o seu dia.

23  
Então disse Evangelista:  
- Meu mano vá me contando  
se viste coisas bonitas  
onde andaste passeando

o que me traz de presente  
vá logo entregando.

24

Respondeu João Batista:  
- Para ti trouxe um retrato  
de uma condessa da Grécia  
moça que tem fino trato  
custou-me um conto de réis  
ainda achei muito barato.

25

Respondeu Evangelista  
Depois duma gargalhada:  
- Neste caso meu irmão  
pra mim não trouxe nada  
pois retrato de mulher  
é coisa bastante usada.

26

- Sei que tem muitos retratos  
mas como o que eu trouxe não  
vais agora examiná-lo  
entrego em tua mão  
quando vires a beleza  
mudará de opinião.

27

João Batista retirou  
O retrato de uma mala  
Entregou ao rapaz  
Que estava de pé na sala  
Quando ele viu o retrato  
Quis falar tremeu a fala.

28

Evangelista voltou  
Com o retrato na mão  
Tremendo quase assustado  
Perguntou ao seu irmão  
Se a moça do retrato  
Tinha aquela perfeição.

29

Respondeu João Batista  
- Creuza é muito mais formosa  
do que o retrato dela  
em beleza é preciosa  
tem o corpo desenhado  
por uma mão milagrosa.

30

João Batista perguntou  
Fazendo ar de riso:  
- Que é isso, meu irmão  
queres perder o juízo?  
Já vi que este retrato  
Vai te causar prejuízo.

31

Respondeu Evangelista  
- Pois meu irmão eu te digo

vou sair do país  
não posso ficar contigo  
pois a moça do retrato  
deixou-me a vida em perigo.

32

João Batista falou sério:  
- Precipício não convém  
de que te serve ir embora  
por este mundo além  
em procura de uma moça  
que não casa com ninguém.

33

- Teu conselho não me serve  
estou impressionado  
rapaz sem moça bonita  
é um desafortunado  
se eu não me casar com Creuza  
findo meus dias enforcado.

34

- Vamos partir a riqueza  
que tenho a necessidade  
dá balanço no dinheiro  
porque eu quero a metade  
o que não posso levar  
dou-te de boa vontade.

35

Deram o balanço no dinheiro  
Só três milhões encontraram  
Tocou dois a Evangelista  
Conforme se combinaram  
Com relação ao negócio  
Da firma se desligaram.

36

Despediu-se Evangelista  
Abraçou o seu irmão  
Chorando um pelo outro  
Em triste separação  
Seguindo um para a Grécia  
Em uma embarcação.

37

Logo que chegou na Grécia  
Hospedou-se Evangelista  
Em um hotel dos mais pobres  
Negando assim sua pista  
Só para ninguém saber  
Que era um capitalista.

38

Ali passou oito meses  
Sem se dar a conhecer  
Sempre andando disfarçado  
Só para ninguém saber  
Até que chegou o dia  
Da donzela aparecer.

39

Os hotéis já se achavam  
Repletos de passageiros

Passeavam pelas praças  
Os grupos de cavalheiros  
Havia muito fidalgos  
Chegado dos estrangeiros.

40

As duas horas as tarde  
Creuza saiu à janela  
Mostrando a sua beleza  
Entre o conde e a mãe dela  
Todos tiraram o chapéu  
Em continência à donzela.

41

Quando Evangelista viu  
O brilho da boniteza  
Disse: - Vejo que meu mano  
Quis me falar com franqueza  
Pois esta gentil donzela  
É rainha de beleza.

42

Evangelista voltou  
Aonde estava hospedado  
Como não falou com a moça  
Estava contrariado  
Foi inventar uma idéia  
Que lhe desse resultado.

43

No outro dia saiu  
Passeando Evangelista  
Encontrou-se na cidade  
Com um moço jornalista  
Perguntou se não havia  
Naquela praça um artista.

44

Respondeu o jornalista:  
- Tem o doutor Edmundo  
na rua dos Operários  
é engenheiro profundo  
para inventar maquinismo  
é ele o maior do mundo.

45

Evangelista entrou  
Na casa do engenheiro  
Falando em língua grega  
Negando ser estrangeiro  
Lhe propôs um bom negócio  
Lhe oferecendo dinheiro.

46

Assim disse Evangelista:  
- Meu engenheiro famoso  
primeiro vá me dizendo  
se não é homem medroso  
porque eu quero custar  
um negócio vantajoso

47

Respondeu-lhe Edmundo

- Na arte não tenho medo  
mas vejo que o amigo  
quer um negócio em segredo  
que um precisa de mim  
conte-me lá o enredo.

48

- Eu amo a filha do conde  
a mais formosa mulher  
se o doutor inventar  
um aparelho qualquer  
que eu possa falar com ela  
pago o que o senhor quiser.

49

- Eu aceito o seu contrato  
mas preciso lhe avisar  
que eu vou trabalhar seis meses  
o senhor vai esperar  
é obra desconhecida  
que agora vou inventar.

50

- Quer o dinheiro adiantado?  
Eu pago neste momento  
- Não senhor, ainda é cedo  
quando terminar o invento  
é que eu digo o preço  
quanto custa o pagamento.

51

Enquanto Evangelista  
Impaciente esperava  
O engenheiro Edmundo  
Toda noite trabalhava  
Oculto em sua oficina  
E ninguém adivinhava.

52

O grande artista Edmundo  
Desenhou nova invenção  
Fazendo um aeroplano  
De pequena dimensão  
Fabricado de alumínio  
Com importante armação.

53

Movido a motor elétrico  
Depósito de gasolina  
Com locomoção macia  
Que não fazia buzina  
A obra mais importante  
Que fez em sua oficina.

54

Tinha cauda como leque  
As asas como pavão  
Pescoço, cabeça e bico  
Lavanca, chave e botão  
Voava igualmente ao vento

Para qualquer direção.

56

Quando Edmundo findou  
Disse a Evangelista:  
- Sua obra está perfeita  
ficou com bonita vista  
o senhor tem que saber  
que Edmundo é artista.

57

- Eu fiz o aeroplano  
da forma de um pavão  
que arma e se desarma  
comprimindo em um botão  
e carrega doze arroba  
três léguas acima do chão.

58

Foram experimentar  
Se tinha jeito o pavão  
Abriram a lavanca e chave  
Encarcaram num botão  
O monstro girou suspenso  
Maneiro como balão.

59

O pavão de asas abertas  
Partiu com velocidade  
Coroando todo o espaço  
Muito acima da cidade  
Como era meia noite  
Voaram mesmo à vontade.

60

Então disse o engenheiro:  
- Já provei minha invenção  
fizemos a experiência  
tome conta do pavão  
agora o senhor me paga  
sem promover discussão.

61

Perguntou Evangelista:  
- Quanto custa o seu invento?  
- Dê me cem contos de réis  
acha caro o pagamento  
o rapaz lhe respondeu:  
Acho pouco dou duzentos.

62

Edmundo ainda deu-lhe  
Mais uma serra azougada  
Que serrava caibro e ripa  
E não fazia zuada  
Tinha os dentes igual navalha  
De lâmina bem afiada.

63

Então disse o jovem turco:  
- Muito obrigado fiquei  
do pavão e dos presentes  
para lutar me armei

amanhã a meia-noite  
com Creuza conversarei.

64

À meia-noite o pavão  
Do muro se levantou  
Com as lâmpadas apagadas  
Como uma flecha voou  
Bem no sobrado do conde  
Na cumeeira pousou.

65

Evangelista em silêncio  
Cinco telhas arredou  
Um buraco de dois palmos  
Caibros e ripas serrou  
E pendurado numa corda  
Por ela escorregou.

66

Chegou no quarto de Creuza  
Onde a donzela dormia  
Debaixo do cortinado  
Feito de seda amarela  
E ele para acordá-la  
Pôs a mão na testa dela.

70

A donzela estremeceu  
Acordou no mesmo instante  
E viu um rapaz estranho  
De rosto muito elegante  
Que sorria para ela  
Com um olhar fascinante.

71

Então Creuza deu um grito:  
- Papai um desconhecido  
entrou aqui no meu quarto  
sujeito muito atrevido  
venha depressa papai  
pode ser algum bandido.

72

O rapaz lhe disse: - Moça  
Entre nós não há perigo  
Estou pronto a defendê-la  
Como um verdadeiro amigo  
Venho é saber da senhora  
Se quer casar-se comigo.

73

De um lenço enigmático  
Que quando Creuza gritava  
Chamando o pai dela  
Então o moço passava  
Ele no nariz da moça  
Com isso ela desmaiava.

74

O jovem puxou o lenço  
Ao nariz da moça encostou  
Deu uma vertigem na moça

De repente desmaiou  
E ele subiu na corda  
Chegando em cima tirou.

75

Ajeitou os caibros e ripas  
E consertou o telhado  
E montando em seu pavão  
Vouu bastante vexado  
Foi esconder o aparelho  
Aonde foi fabricado.

76

O conde acordou aflito  
Quando ouviu essa zuada  
Entrou no quarto da filha  
Desembainhou a espada  
Encontrou-a sem sentido  
Dez minutos desmaiada.

77

Percorreu todos os cantos  
Com a espada na mão  
Berrando e soltando pragas  
Colérico como um leão  
Dizendo: - Aonde encontrá-lo  
Eu mato esse ladrão.

78

Creuza disse: - Meu pai  
Pois eu vi neste momento  
Um jovem rico e elegante  
Me falando em casamento  
Não vi quando ele encantou-se  
Porque me deu um passamento.

79

Disse o conde: - Nesse caso  
Tu já estás a sonhar  
Moça de dezoito anos  
Já pensando em se casar  
Se aparecer casamento  
Eu saberei desmanchar.

80

Evangelista voltou  
Às duas da madrugada  
Assentou seu pavão  
Sem que fizesse zuada  
Desceu pela mesma trilha  
Na corda dependurada.

81

E Creuza estava deitada  
Dormindo o sono inocente  
Seus cabelos como um véu  
Que enfeitava puramente  
Como um anjo de terreal  
Que tem lábios sorridentes.

82

O rapaz muito sutil  
Foi pegando na mão dela  
Então a moça assustou-se  
Ele garantiu a ela  
Que não eram malfazejos:  
- Não tenha medo donzela.

83

A moça interrogou-o  
Disse: - Quem é o senhor  
Diz ele: - Sou estrangeiro  
Lhe consagrei grande amor  
Se não fores minha esposa  
A vida não tem valor.

84

Mas Creuza achou impossível  
O moço entrar no sobrado  
Então perguntou a ele  
De que jeito tinha entrado  
E disse: - Vai me dizendo  
Se és vivo ou encantado.

85

Como eu lhe tenho amizade  
Me arrisco fora de hora  
Moça não me negue o sim  
A quem tanto lhe adora!  
Creuza aí gritou: - Papai  
Venha ver o homem agora.

86

Ele passou-lhe o lenço  
Ela caiu sem sentido  
Então subiu na corda  
Por onde tinha descido  
Chegou em cima e disse:  
- O conde será vencido.

87

Ouviu-se tocar a corneta  
E o brado da sentinela  
O conde se dirigiu  
Para o quarto da donzela  
Viu a filha desmaiada  
Não pode falar com ela.

88

Até que a moça tornou  
Disse o conde: - É um caso  
sério  
Sou um fidalgo tão rico  
Atentado em meu critério  
Mas nós vamos descobrir  
O autor do mistério.

89

- Minha filha, eu já pensei  
em um plano bem sagaz  
passa essa banha amarela  
na cabeça desse audaz  
só assim descobriremos  
esse anjo ou satanás.

90

- Só sendo uma visão  
que entra neste sobrado  
só chega à meia-noite  
entra e sai sem ser notado  
se é gente desse mundo  
usa feitiço encantado.

91

Evangelista também  
Desarmou seu pavão  
A cauda, a capota, o bico  
Diminuiu a armação  
Escondeu o seu motor  
Em um pequeno caixão.

92

Depois de sessenta dias  
Alta noite em nevoeiro  
Evangelista chegou  
No seu pavão bem maneiro  
Desceu no quarto da moça  
A seu modo traíçoeiro.

93

Já era a terceira vez  
Que Evangelista entrava  
No quarto que a condessa  
À noite se agasalhava  
Pela força do amor  
O rapaz se arriscava.

94

Com um pouco a moça acordou  
Foi logo dizendo assim:  
- Tu tens dito que me amas  
com um bem-querer sem fim  
se me amas com respeito  
te sinta juntos de mim.

95

Evangelista sentou-se  
Pôs-se a conversar com ela  
Trocando o riso esperava  
A resposta da donzela  
Ela pôs-lhe a mão na testa  
Passou a banha amarela.

96

Depois Creuza levantou-se  
Com vontade de gritar  
O rapaz tocou-lhe o lenço  
Sentiu ela desmaiar  
Deixou-a com uma síncope  
Tratou de se retirar.

97

E logo Evangelista  
Voando da cumeeira  
Foi esconder seu pavão  
Nas folhas de uma palmeira  
Disse: - Na quarta viagem

Levo essa estrangeira.

98

Creuza então passou o resto  
Da noite mal sossegada  
Acordou pela manhã  
Meditava e cismada  
Se o pai não perguntasse  
Ela não dizia nada.

99

Disse o conde: - Minha filha  
Parece que estás doente?  
Sofreste algum acesso  
Porque teu olhar não mente  
O tal rapaz encantado  
Te apareceu certamente.

100

E Creuza disse: - Papai  
Eu cumpri o seu mandado  
O rapaz apareceu-me  
Mas achei-o delicado  
Passei-lhe a banha amarela  
E ele saiu marcado.

101

O conde disse aos soldados  
Que a cidade patrulhassem  
Tomassem os chapéus de  
Quem nas ruas encontrassem  
Um de cabelo amarelo  
Ou rico ou pobre pegassem.

102

Evangelista trajou-se  
Com roupa de alugado  
Encontrou-se com a patrulha  
O seu chapéu foi tirado  
Viram o cabelo amarelo  
Gritaram: - Esteja intimado!

103

Os soldados lhe disseram:  
- Cidadão não estremeça  
está preso a ordem do conde  
e é bom que não se cresça  
vai a presença do conde  
se é homem não esmoreça.

104

- Você hoje vai provar  
por sua vida responde  
como é que tem falado  
com a filha do nosso conde  
quando ela lhe procura  
onde é que se esconde.

105

Evangelista respondeu:  
- Também me faça um favor

enquanto vou me vestir  
minha roupa superior  
na classe de homem rico  
ninguém pisa meu valor.

106

Disseram: - Pode mudar  
Sua roupa de nobreza  
A moça bem que dizia  
Que o rapaz tinha riqueza  
Vamos ganhar umas luvas  
E o conde uma surpresa.

107

Seguiu logo Evangelista  
Conversando com o guarda  
Até que se aproximaram  
Duma palmeira copada  
Então disse Evangelista:  
- Minha roupa está trepada.

108

E os soldados olharam  
Em cima tinha um caixão  
Mandaram ele subir  
E ficaram de prontidão  
Pegaram a conversar  
Prestando pouca atenção.

109

Evangelista subiu  
Pôs um dedo no botão  
Seu monstro de alumínio  
Ergueu logo a armação  
Dali foi se levantando  
Seguiu voando o pavão.

110

E os soldados gritaram:  
- Amigo, o senhor se desça  
deixe de tanta demora  
é bom que não aborreça  
senão com pouco uma bala  
visita sua cabeça.

111

Então mandaram subir  
Um soldado de coragem  
Disseram: - Pegue na perna  
Arraste com a folhagem  
Está passando na hora  
De voltarmos da viagem.

112

Quando o soldado subiu  
Gritou: - Perdemos a ação  
Fugiu o moço voando  
De longe vejo um pavão  
Zombou de nossa patrulha  
Aquele moço é o cão.

113

Voltaram e disseram ao conde  
Que o rapaz tinham encontrado

Mas no olho de uma palmeira  
O moço tinha voado  
Disso o conde: - Pois é o cão  
Que com Creuza tem falado.

114

Creuza sabendo da história  
Chorava de arrependida  
Por ter marcado o rapaz  
Com banha desconhecida  
Disse: - Nunca mais terei  
Sossego na minha vida.

115

Disse Creuza: - Ora papai  
Me prive da liberdade  
Não consente que eu goze  
A distração da cidade  
Vivo como criminosa  
Sem gozar a mocidade.

116

- Aqui não tenho direito  
de falar com um criado  
um rapaz para me ver  
precisa ser encantado  
mas talvez ainda eu fuja  
deste maldito sobrado.

117

- O rapaz que me amou  
só queria vê-lo agora  
para cair nos seus pés  
como uma infeliz que chora  
embora que eu depois  
morresse na mesma hora.

118

- Eu sei que para ele  
não mereço confiança  
quando ele vinha aqui  
ainda eu tinha esperança  
de sair desta prisão  
onde estou desde de criança.

119

Às quatro da madrugada  
Evangelista desceu  
Creuza estava acordada  
Nunca mais adormeceu  
A moça estava chorando  
O rapaz lhe apareceu.

120

O jovem cumprimentou-a  
Deu-lhe um aperto de mão  
A condessa ajoelhou-se  
Para pedir-lhe perdão  
Dizendo: - Meu pai mandou  
Eu fazer-te uma traição.

121

O rapaz disse: - Menina

A mim não fizeste mal  
Toda a moça é inocente  
Tem seu papel virginal  
Cerimônia de donzela  
É uma coisa natural.

122

- Todo o seu sonho dourado  
é fazer-te minha senhora  
se quiseres casar comigo  
te arrumas e vamos embora  
senão o dia amanhece  
e se perde a nossa hora.

123

- Se o senhor é homem sério  
e comigo quer casar  
pois tome conta de mim  
aqui não quero ficar  
se eu falar em casamento  
meu pai manda me matar.

124

- Que importa que ele mande  
tropas e navios pelos mares  
minha viagem é aérea  
meu cavalo anda nos ares  
nós vamos sair daqui  
casar em outros lugares.

125

Creuza estava empacotando  
O vestido mais elegante  
O conde entrou no quarto  
E dando um berro vibrante  
Gritando: - Filha maldita  
Vais morrer com o seu amante.

126

O conde rangendo os dentes  
Avançou com passo extenso  
Deu um pontapé na filha  
Dizendo: - Eu sou quem venço  
Logo no nariz do conde  
O rapaz passou o lenço.

127

Ouviu-se o baque do conde  
Porque rolou desmaiado  
A última cena do lenço  
Deixou-o magnetizado  
Disse o moço: - Tem dez  
minutos  
Para sairmos do sobrado.

128

Creuza disse: - Eu estou pronta  
Já podemos ir embora  
E subiram pela corda  
Até que saíram fora  
Se aproximava a alvorada

Pela cortina da aurora.

129

Com pouco o conde acordou  
Viu a corda pendurada  
Na coberta do sobrado  
Distinguiu uma zuada  
E as lâmpadas do aparelho  
Mostrando luz variada.

130

E a gaita do pavão  
Tocando uma rouca voz  
O monstro de olho de fogo  
Projetando os seus faróis  
O conde mandando pragas  
Disse a moça: - É contra nós.

131

Os soldados da patrulha  
Estavam de prontidão  
Um disse: - Vem ver fulano  
Aí vai passando um pavão  
O monstro fez uma curva  
Para tomar direção.

132

Então dizia um soldado  
- Orgulho é uma ilusão  
um pai governa uma filha  
mas não manda no coração  
pois agora a condessinha  
vai fugindo no pavão.

133

O conde olhou para a corda  
E o buraco do telhado  
Como tinha sido vencido  
Pelo rapaz atilado  
Adoeceu só de raiva  
Morreu por não ser vingado.

134

Logo que Evangelista  
Foi chegando na Turquia  
Com a condessa da Grécia  
Fidalga da monarquia  
Em casa do seu irmão  
Casaram no mesmo dia.

135

Em casa de João Batista  
Deu-se grande ajuntamento  
Dando vivas ao noivado  
Parabéns ao casamento  
À noite teve retreta  
Com visita e cumprimento.

136

Enquanto Evangelista  
Gozava imensa alegria  
Chegava um telegrama  
Da Grécia para Turquia

Chamando a condessa urgente  
Pelo motivo que havia.

137

Dizia o telegrama:  
"Creuza vem com o teu marido  
receber a tua herança  
o conde é falecido  
tua mãe deseja ver  
o genro desconhecido."

138

A condessa estava lendo  
Com o telegrama na mão  
Entregou a Evangelista  
Que mostrou ao seu irmão  
Dizendo: - Vamos voltar  
Por uma justa razão.

139

De manhã quando os noivos  
Acabaram de almoçar  
E Creuza em traje de noiva  
Pronta para viajar  
De palma, véu e capela  
Pois só vieram casar.

140

Diziam os convidados:  
- A condessa é tão mocinha  
e vestida de noiva  
torna-se mais bonitinha  
está com um buquê de flor  
séria como uma rainha.

141

Os noivos tomaram assento  
No pavão de alumínio  
E o monstro se levantou-se  
Foi ficando pequenino  
Continuou o seu vôo  
Ao rumo do seu destino.

142

Na cidade de Atenas  
Estava a população  
Esperando pela volta  
Do aeroplano pavão  
Ou o cavalo do espaço  
Que imita um avião.

143

Na tarde do mesmo dia  
Que o pavão foi chegado  
Em casa de Edmundo  
Ficou o noivo hospedado  
Seu amigo de confiança  
Que foi bem recompensado.

144

E também a mãe de Creuza  
Já esperava vexada  
A filha mais tarde entrou  
Muito bem acompanhada

**O seu site de Literatura**

*De braço com o seu noivo  
Disse: - Mamãe estou casada.*

145

*Disse a velha: - Minha filha  
Saíste do cativoiro  
Fizeste bem em fugir  
E casar no estrangeiro  
Tomem conta da herança  
Meu genro é meu herdeiro.*

FIM